

O PÚBLICO COMO ATOR MUSEAL: UMA EXPERIÊNCIA NO MUSEU GRUPPELLI - PELOTAS (RS)

DAIANE LAGES FERREIRA¹; MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO²; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM³

¹Universidade Federal de Pelotas – daiane.lferreirapanda2@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mauriciopinheiro685@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – josepaulobrahm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dá devido às atividades extensionistas realizadas pela autora enquanto bolsista do projeto de extensão “Revitalização do Museu Gruppelli” que foi instaurado pelo curso de Museologia da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) no Museu no ano de 2008 a pedido da comunidade responsável pela instituição. O Museu Gruppelli é uma instituição de cunho comunitário que fica localizado no 7º distrito na zona rural da cidade de Pelotas (RS). O espaço museal foi inaugurado no ano de 1998 pela comunidade local, capitaneada pela família Gruppelli, o fotógrafo Neco Tavares e pela professora Neiva Vieira. O Museu tem como foco principal adquirir, salvaguardar e difundir as histórias e tradições da vida rural na região, portanto, seu acervo é composto por objetos que servem como pontes para conectar as narrativas, emoções e tradições que definem a identidade local.

A autora traz como tema para este trabalho “o público como ator museal”, tendo como palco para este estudo o Museu Gruppelli, assim, o objetivo do mesmo é expor a importância do público como mediador dentro dos museus desta tipologia, e o quão benéfica é essa relação tanto para o público em si, quanto para o espaço e os profissionais envolvidos no processo.

Ao longo do texto, serão expostos relatos de pessoas que visitaram o Museu, bem como segmentos de entrevistas nos quais se torna evidente essa interação e participação do público. Para preservar a privacidade dos envolvidos, pseudônimos serão utilizados.

Nesse contexto, a autora se propõe a explorar e elucidar a dinâmica entre o público e o Museu Gruppelli, evidenciando como a participação ativa do público pode enriquecer a experiência museal, contribuindo para a valorização das tradições locais e o fortalecimento do elo entre passado, presente e futuro.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, foram adotadas duas ferramentas metodológicas principais. A primeira delas é a observação participante, na qual o pesquisador imerge no ambiente a ser estudado, possibilitando a obtenção de informações que revelam “a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (NETO, 2002, p. 59). Durante esse processo, o observador estabelece uma relação direta com os participantes, tornando-se parte do contexto de observação, o que pode resultar em mudanças tanto no observador quanto no contexto.

Além disso, também utilizamos a ferramenta metodológica de entrevistas semi-estruturadas. Essa abordagem se situa entre as entrevistas estruturadas, que envolvem perguntas predefinidas, e as entrevistas não estruturadas, que

permitem ao entrevistado discorrer livremente sobre o tópico em questão. (NETO, 2002, p. 58)

As entrevistas foram realizadas de forma presencial com moradores da zona rural e da zona urbana no âmbito do Museu ou em eventos onde foram realizadas exposições itinerantes, como por exemplo, o Dia do Patrimônio de Pelotas em que o Museu esteve presente nos dias 18, 19 e 20 de agosto de 2023, com uma exposição sobre gastronomia rural na Casa 6, localizada na região central da cidade de Pelotas (RS).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2022, no mês de novembro, a autora teve seu primeiro contato com o Museu Gruppelli, inicialmente, ingressando no projeto como mediadora. A partir dessa experiência, foi possível notar como o Museu era percebido pelos visitantes. Para a maioria das pessoas que adentravam o Museu, este não era apenas um local de escuta, mas, acima de tudo, um lugar de fala.

Os visitantes esperavam encontrar no Museu um palco para compartilhar suas histórias de vida e emoções. Os “museus não podem ser concebidos como templos ou fóruns, palácios ou cemitérios, porque é muito mais útil pensá-los como palcos” (SOARES, 2012, p. 203).

Eles utilizavam os objetos como pontes para uma jornada infinita de memórias. Muitas vezes, os visitantes se viam olhando através de um portal para o próprio passado ou para entes queridos. Nesse momento, o objeto exposto no Museu já não era apenas uma peça de exibição, mas sim, a representação viva dos avós, da mãe... ou da própria pessoa em outro espaço do tempo.

É possível associar essa relação ao conceito de extended-self de MENESES (1998). Conforme afirmado pelo autor, os objetos podem ser percebidos como uma extensão daqueles que os possuem ou possuíram, transformando-se, portanto, em uma continuação do indivíduo e, em alguns casos, refletindo sua personalidade.

Um exemplo marcante é o do senhor Jerônimo, que ao deparar-se com o pilão em exposição no Museu, compartilhou com os mediadores a história do grande amor e paixão de sua vida. No momento do relato, o senhor fala que era perdidamente apaixonado pela moça, mas ela não tinha interesse nenhum nele, então todos os dias ele fazia uma declaração de amor diferente, afim de conquistar seu coração, até que após algum tempo finalmente ficam juntos e ela se torna sua esposa, até o fim de sua vida. O visitante conta que passaram aproximadamente 4 anos desde a triste perda de sua esposa, e ele ainda não havia superado a intensa dor que sentia. Ela continua sendo seu grande amor, e sem ela, ele afirma, a vida parece vazia de significado. Ele compartilha como lutou incansavelmente por esse amor. Ao ver um objeto semelhante ao que eles usavam para fazer canjica juntos, todas as memórias voltaram à tona.

Diante disso, o senhor Jerônimo senta-se em um banco na entrada do Museu, e depois de um momento de silêncio, abaixa a cabeça e começa a chorar, tentando conter suas emoções para não ceder completamente ao choro compulsivo.

Nesse contexto, objeto e pessoa se uniam, transformando o visitante em mediador, o museu em um palco e o mediador em um espectador das mais belas e puras emoções patrimoniais.

Além do emocionante relato do Sr. Jerônimo, durante um dos dias da exposição realizada na Casa 6 no centro da cidade de Pelotas (RS), no Dia do

Patrimônio, recebemos a visita do senhor Fabrício Cabral, que ao observar o tacho que se encontrava na exposição, nos conta que esteve visitando o Museu Gruppelli antes da pandemia de COVID-19, no ano de 2018, durante uma festividade que comemorou os 20 anos do espaço museal, em que no entorno do Museu o tacho (do próprio museu), estava sendo utilizado para fazer o doce de melancia de porco (doce típico fabricado na zona rural). O entrevistado compartilha conosco que experimentou este doce que estava sendo distribuído e que nunca havia se esquecido desta experiência e sempre recordava com alegria e paixão. Nesse momento, a equipe comenta com o senhor Fabrício que o tacho que estava na exposição era o mesmo que havia sido utilizado neste dia que está em sua memória. A partir desse momento o entrevistado começa a ficar eufórico, começa a gesticular com as mãos, rir de alegria de forma intensa e diz mais ou menos assim com essas palavras: “Eu não acredito! Comi o doce feito no tacho do Museu! Nunca imaginei que poderia reencontrá-lo aqui hoje”. O senhor se alegra por ter pertencido à parte de uma das histórias que envolvem este objeto. Essa sensação de pertencimento fica estampada em seu sorriso.



Figura 01: Entrevistado Fabrício Cabral ao lado do tacho do Museu Gruppelli.
Fonte: Acervo Museu Gruppelli, 2023.

Nestes dois relatos acima apresentados, os objetos transcendem sua mera materialidade e adquirem um significado profundo para as pessoas envolvidas, passando a representar indivíduos ou servindo como conexão com diversas memórias. O que é possível relacionar ao conceito de semióforo de POMIAN (1997). Para o autor os semióforos são o intermédio entre o visível (objeto) e o invisível (emoções, memórias, etc.) desempenham o papel de permitir às pessoas criar conexões simbólicas, com momentos, pessoas, lugares e afins.

Durante a entrevista realizada pelo pesquisador José Paulo Brahm (2022), temos o relato do professor Diego Lemos Ribeiro, onde ele comenta sobre o interesse das pessoas mais velhas no Museu, principalmente aqueles que têm ligação com a zona rural. O professor afirma que é possível notar que eles vão ao Museu para ensinar e não para aprender. “Então você compreender por que esses senhores se **apaixonam** pelo Museu é relativamente fácil por causa da experiência vivida que eles têm com os objetos.” (RIBEIRO, 2016, p. 348).

A partir dessas vários relatos podemos falar em uma emoção patrimonial. Ela acontece, de acordo com PALUMBO (20013), quando há paixão das pessoas em relação aos bens patrimoniais. Segundo HEINCH (2013), a emoção patrimonial ocorre quando há um sentimento de reconhecimento e apropriação emocional por parte dos sujeitos em relação ao patrimônio. Ela é responsável por ajudar na afirmação identitária dos sujeitos e grupos.

A experiência no Museu Gruppelli, com seu foco na comunicação, é genuinamente cativante e inspiradora para todos os voluntários que se envolvem no projeto. Isso porque oferece uma oportunidade prática para aprender os fundamentos da museologia social, trabalhando em estreita colaboração com a comunidade local. Isso demonstra de maneira vívida a importância dos membros locais como atores-chave na representatividade do museu e no impulsionamento do projeto. Pode-se afirmar com segurança que, sem a participação ativa da comunidade, a própria existência da instituição estaria em dúvida.

4. CONCLUSÕES

É fundamental reconhecer os museus como verdadeiros palcos, uma vez que esses espaços representam locais de diálogo e comunicação. Sem esses elementos, os museus podem parecer vazios de significado. Devemos dar voz às pessoas e proporcionar-lhes a sensação de pertencimento emocional e identitário, assim como no relato do Sr. Fabrício mencionado anteriormente durante a discussão.

Quando adentramos os museus, os profissionais envolvidos devem se colocar no papel de espectadores também, buscando compreender as conexões emocionais das pessoas com os objetos expostos. Reconhecer a forte ligação patrimonial que os visitantes sentem ao reencontrar esses objetos é essencial. Dessa forma, podemos considerá-los não apenas como espectadores, mas também como participantes ativos, conferindo-lhes espaço para se expressarem. Isso, por sua vez, contribuirá para que suas visitas sejam verdadeiramente significativas e enriquecedoras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAHM, J. P. S. **Desvendando emoções**: o Museu Gruppelli, seus objetos e seu público. Porto Alegre, Editora FI, 2022.

CRUZ NETO, O. Trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, F. S, NETO, O. C, GOMES, R, MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HEINICH, N. Esquisse d'une typologie des émotions patrimoniales. In: FABRE, D. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de L'homme, 2013. p. 195-210.

PALUMBO, B. Émotions patrimoniales et passions politiques (Sicile orientale). In: FABRE, D. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des sciences de l'homme, 2013. p. 357-375.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. **Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012**. Petrópolis, Nov/ 2012. p.192-204.